

## A EDITORA GLOBO E A HISTÓRIA DA TRADUÇÃO DO ESCRITOR FRANCÊS ROGER MARTIN DU GARD

Nilda Aparecida BARBOSA (UEM)

Este trabalho faz de uma pesquisa sobre a recepção do escritor Francês Roger Martin du Gard no Brasil. Constatamos que suas duas principais obras, *Jean Barois* (1913) e *Les Thibault* (1922), foram lidas no Brasil desde sua publicação. Todavia, em 1940 houve novamente uma releitura desse autor, provavelmente porque suas obras fazem referência a à participação dos intelectuais nos grandes movimentos da história e à primeira Guerra Mundial. Nosso objetivo neste trabalho é mostrar o trajeto da tradução de suas obras no Brasil.

A tradução das duas principais obras de Roger Martin du Gard está ligada à história da Editora Globo. A partir de 1930 a Editora do Globo de Porto Alegre iniciava um projeto muito ambicioso no ramo das traduções, ou seja, dava-se início a tradução de grandes obras. Até este período a ênfase fora dada a livros de caráter mais popular, o chamado gênero folhetinesco que tinha público certo. A edição de literatura estrangeira vai de 1930 a 1950. A vontade dos editores Henrique Bertaso e Érico Veríssimo em traduzir obras mais elaboradas junta-se à conjuntura política brasileira, pois segundo Sônia Maria de Amorim, o Estado Novo, imposto por Getúlio Vargas, começa a inibir as iniciativas dos editores no campo da literatura brasileira, aumentando então o número de traduções. É por essa época que aparecem os grandes nomes estrangeiros como Thomas Mann, André Gide, Roger Martin du Gard, Huxley, Virgínia Woolf, Romain Rolland, Katherine Mansfield, entre outros.

Roger Martin du Gard tem suas duas obras principais traduzidas. Primeiro Casemiro Fernandes traduziu os oito volumes de *Os Thibault* em 1943 e *O drama Jean Barois* foi traduzido por Vidal de Oliveira em 1949.

Uma das estratégias da Editora foi lançar inúmeras coleções com o objetivo de diminuir os gastos, mas cada uma com sua característica própria. Para as obras de peso criou-se a coleção “Nobel” nos anos 30. A idéia era traduzir não só romancistas que haviam recebido o prêmio e sim todos que já tinham obras consagradas. Foi a série de maior repercussão e não se pode negar sua influência entre grande parte dos intelectuais da época. Alguns autores tiveram inúmeras reedições e o número de exemplares diferia muito de uma obra

para outra. Sônia Maria de Amorim em sua pesquisa sobre a editora Globo não nos revela o número de exemplares nem as reedições que as obras de Martin du Gard tiveram, mas cita-o em duas coleções: na coleção “Nobel” e “Tucano”. Em nossa pesquisa encontramos uma das obras de Martin du Gard, *Os Thibault*, em mais uma coleção pela mesma editora, a coleção “Catavento”. Sônia Maria de Amorim ao fazer referência a esta coleção não cita o nome dos escritores que fizeram parte dela.

### ***Os Thibault***

A primeira coleção onde figura o nome de Martin du Gard é a Coleção “Nobel” que durou vinte e cinco anos, de 1933 a 1958. Por esta coleção saíram duas edições de *Os Thibault*, a primeira em 1943, em dois volumes, e a segunda, em 1946, em três, pertencendo ao que a editora chamava de “Série Gigante” pelo número de páginas dos romances. Em 1941 quando o autor soube que sua obra seria traduzida e editada num país latino-americano, imediatamente enviou a fotografia que o editor pedira e, ainda acrescentou uma dedicatória para a editora: “*pour la ‘livraria do Globo’*. Avec mes meilleurs sentiments et l’expression de ma gratitude, juillet 1941 Sua foto e o agradecimento constam de todas as edições traduzidas de *Os Thibault*.

As pesquisas de Sônia Maria de Amorim não trazem quantas edições teve essa obra na Coleção “Nobel”. Todavia, cada coleção tinha um formato específico e um número mínimo de tiragens. Na Coleção “Nobel”, este era de cinco mil exemplares, sendo que *Os Thibault* tiveram duas reedições, a primeira em 1943 e a segunda em 1946. Ao comentar sobre a Coleção “Catavento”, Amorim não menciona o nome de Martin du Gard, todavia a 3ª reedição de *Os Thibault* (1968) acontece nessa coleção e, de acordo com a pesquisadora, uma das estratégias da editora para vender mais era “para os livros mais extensos fazer grandes tiragens (dez/vinte mil exemplares)” (p.106). As duas últimas edições dessa obra são de 1986 e de 2001 e não fazem parte de nenhuma coleção, embora sejam editadas pela mesma editora.

Tivemos a oportunidade de encontrar uma nota de orelha da segunda edição de 1946 de *Os Thibault*. Nesta, a editora salienta que Martin du Gard é um escritor premiado e que mereceu a distinção porque sua obra é grandiosa, igualando-se aos grandes como Thomas

Mann, Balzac e Dostoievsky. Martin du Gard mostra suas personagens como seres humanos que não são nem bons nem maus, por isso seu propósito é de profunda visão e verdade. A editora lembra o leitor de que a obra de Martin du Gard fora lançada em 1922 e concluída em 1940 e que a tradução saía sem o menor corte. Esta edição não tem nenhuma apresentação ou prefácio, somente esta pequena nota de orelha.

A segunda Coleção da Editora Globo chamou-se “Tucano, e não há uma data precisa de seu início. Segundo Sônia Maria de Amorim alguns dados mostram o ano de 1943 e outros 1945. Foi uma tentativa de oferecer livros mais baratos para facilitar o acesso à leitura ao maior número de leitores. Durou apenas dois anos e “teve em suas edições tanto autores estrangeiros como nacionais e entre eles Gide, Roger Martin du Gard, Graciliano Ramos entre outros”. Segundo os próprios idealizadores, o motivo do fracasso dessa coleção talvez tenha sido justamente a falta de um perfil definido, a resistência do público em comprar livros de bolso e o fato de ser em edições econômicas. O único livro de Martin du Gard que fez parte dessa coleção foi *Um taciturno*, traduzido em 1945 por Casemiro Fernandes. O número de tiragens de exemplares foi de três a quatro mil exemplares por edição.

Em 1959 surge a Coleção “Catavento”, a terceira tentativa de oferecer livros de qualidade a preços acessíveis. De acordo com Sônia Maria de Amorim, esta foi idealizada para abrigar grandes obras de autores já consagrados pelo público brasileiro, mas também não teve o sucesso esperado. Não há uma explicação para o insucesso, talvez seja o mesmo da Coleção “Tucano”, a resistência do público a livros de bolso e em edições econômicas. Em nossa pesquisa encontramos uma segunda edição de *Os Thibault*, de 1968, em cinco volumes, nessa coleção. Embora apareça o termo “segunda edição” na folha de rosto, sabemos que pela ordem esta é a terceira edição da obra. Consta desta edição, 1968, uma nota de contracapa e uma apresentação feitas pelos editores.

Na contracapa, o editores lembram: “A Editora Globo, reeditando *Os Thibault* em cinco volumes na Coleção “Catavento”, está mais uma vez oferecendo ao público brasileiro esta obra ímpar dentro da literatura universal...”. Pela primeira vez é dito ao leitor que se trata de um romance cíclico que aborda uma época decisiva para o mundo moderno que são o aparecimento de novas ideologias e a guerra. Implicitamente os editores afirmam que o romance centra-se na família, evocando o clima moral e social de uma época, e depois

termina com o amplo afresco que foi o período que antecedeu ao conflito mundial. Do autor afirmam: “Roger Martin du Gard, autor acima de tudo preocupado com a expressão da verdade, aparece nesta obra como artista consumado, como escritor imparcial, desassombrado e preciso”.

A apresentação do escritor fixa as características principais de sua vida e de sua obra. Por ser a primeira apresentação feita para acompanhar o romance, embora não é assinada, seu mérito é muito importante, pois oferece ao leitor alguns dados da vida de Martin du Gard. Nesta há a referência de que antes das obras de sucesso o escritor tinha feito as primeiras tentativas de escrita, destruindo-as pela falta de qualidade. Os editores não mencionam *Devenir!* (1908), obra da juventude escrita antes de *Jean Barois* (1913) e publicada por conta do autor. De *Os Thibault* cita cada uma de suas oito partes e o ano de publicação, bem como a destruição de *L'appareillage*, após o acidente que o escritor sofreu. Não há uma explicação do porquê da destruição desse volume, apenas que o autor decide dar um outro final para sua obra. A apresentação finaliza com a data da morte do escritor.

*Os Thibault* tiveram ainda uma quarta reedição, em 1986 em cinco volumes, fora de coleções pela mesma editora. Nesta edição, a “Nota bibliográfica” é em alguns aspectos idêntica àquela de 1968. Todavia, há a correção das falhas que aparecem nesta primeira como a nomeação das obras da juventude do escritor: *Une vie de Saint* e *Devenir!*, *Marise*, (destruída) et *L'une de nous*. Pela primeira vez há a referência ao seu comportamento reservado, ao casamento, aos estudos em clínicas para recolher material para seus romances e ao encontro com o grupo da *Nouvelle Revue Française* e o ideal comum de que comungavam: o respeito pelas letras e uma franqueza mútua e o nascimento da mais bela amizade entre Martin du Gard e alguns integrantes deste grupo como Gide, Copeau, Gallimard, Schlumberger. Esta nota, bastante extensa, aborda os aspectos principais das duas obras mais importantes. Fixa com detalhes o caráter reservado do escritor bem como sua paixão pelo teatro e a participação deste na reconstrução do teatro “Vieux Colombier” com Copeau. Explica também ao leitor que durante a redação de *Os Thibault*, Martin du Gard escreveu outras obras como *Confidence Africaine*, *Vieille France* e *Un taciturne*. Mais uma vez faz referência à mudança de rumos de *Os Thibault* com a destruição de *L'appareillage* e a redação de *O verão de 1914*, sem, no entanto, oferecer ao leitor as verdadeiras causas dessa mudança. Temos alguns traços do que foi sua vida durante a

ocupação nazista e sua constante fuga por causa de perseguições. Nesse período conturbado tenta escrever mais um romance, *Souvenirs du Colonel Maumort*, mas deixa inacabado. A nota termina com a referência a uma adaptação para o cinema de uma parte de *Os Thibault* e a morte do escritor em 22 de agosto de 1958. Os editores lembram o pedido de uma foto que a editora lhe fez, em 1941, para constar da primeira tradução brasileira em 1943 e que desde então, permanece entre “os grandes títulos que a Editora publica periodicamente”. E, finalmente, em outra nota dos editores, temos a dedicatória desta quarta edição de *Os Thibault*, a Paulo Brossard de Souza Pinto.

A edição de 1986 vem também com uma “nota de orelha” e uma nota curta de contracapa. Na nota de orelha, os editores colocam as características principais do romance, reiterando o que havia colocado na contracapa de 1968, de que a obra mostra uma época de mudanças importantes no mundo, dando destaque para as personagens Jacques e Antoine Thibault e para o volume de *O verão de 1914*, que narra os acontecimentos da primeira Guerra Mundial. Para os editores é uma obra que leitor algum consegue esquecer porque “é um retrato dos personagens que somos na trama da vida. Retrato que jamais perderá sua atualidade, já que os sentimentos, as emoções e as dúvidas de ontem continuam a ser ainda os mesmos. Só o cenário mudou”. Na “nota de contracapa” destaca a seriedade com que Martin du Gard sempre conduziu seu trabalho o que fez dele um “artista da alma e da palavra”, por isso recebeu o Prêmio Nobel, embora nunca o tivesse almejado, tamanha era sua modéstia.

Em 2001 foi realizada a quinta edição de *Os Thibault*, totalmente revista e atualizada por Ana Maria Barbosa, Nair Hitomi Kayo e Beatriz de Freitas Moreira. Os cinco volumes dessa edição, realizada também pela Globo, vem numa caixa muito bem decorada e o primeiro volume consta de uma nota biográfica curta sobre o autor e, em seguida, com mais precisão, um índice cronológico dos principais acontecimentos que vão desde o nascimento do autor até algumas datas de publicações póstumas. Além disso, temos uma apresentação feita por Moacir Japiassu, que nos conta como entrou em contato com a obra, e o prefácio escrito por Marcelo Coelho, que procura mostrar o que o romance ainda tem de moderno e, por conseguinte, cativa seu leitor, quando não se espera que um *roman-fleuve* ainda possa oferecer algo para o leitor moderno, acostumado a uma vida onde tudo é marcado pelo signo da “fuga rápida do tempo”.

Através do número de reedições que esta obra teve podemos afirmar que era bem conhecida e apreciada pelo público brasileiro e devemos levar em consideração que devido sua extensão ela nunca saía em menos de dois volumes. Na Coleção “Nobel” saiu em três volumes e nas demais em cinco volumes. Além disso, quando a obra sai na coleção “Catavento”, é porque já era conhecida do público, como atestam os criadores: “idealizada para abrigar “grandes obras de grandes autores já consagrados pelo público brasileiro”, (AMORIM, P.106) o que prova em parte seu sucesso junto ao público.

### ***Jean Barois***

*Jean Barois* é editado pela primeira vez em 1949 na Coleção “Nobel” da Editora Globo com o nome de *O drama de Jean Barois*, acréscimo feito por conta do tradutor, Vidal de Oliveira. Tivemos a oportunidade de manusear esta edição que, infelizmente, não apresenta nenhuma nota bibliográfica de capa, apenas a dedicatória de Martin du Gard acompanhada de sua foto que é reproduzida em todas edições de *Os Thibault*.

Parece-nos que a Editora Globo vendeu os direitos desta obra porque em 1964 ela terá uma nova edição pela Delta do Rio de Janeiro. Nos anos de 1971 e 1973 saem duas edições pela Editora Ópera Mundi também do Rio. E em 1985 a Editora Abril Cultural reedita-a na coleção “Grandes romancistas”. *Jean Barois* teve ao todo cinco edições, sendo que apenas duas delas, 1971 e 1973, foram pela mesma editora. Que foi uma obra conhecida, não resta dúvida, pois seus assuntos polêmicos e a forma inusitada suscitou inúmeros artigos em jornais. Também circulou entre nós uma tradução portuguesa, *O drama de João Barois*, realizada por Lobo Vilela. A terceira edição é de 1941 e a sexta não possui data de publicação, mas pelo número de reedições, seis, foi bastante difundida em Portugal. Ainda na sexta edição há uma nota “Do prefácio da 1ª edição” assinada pelos editores. Ambas pertencem à coleção “Os melhores romances dos melhores romancistas”. Encontramos também uma outra edição portuguesa de 1975, pertencente à coleção “Livros de Bolso Europa-América”, realizada pela editora Mira-Cintra - Mem Martins, traduzida por J. Sampaio Marinho e acompanhada, ainda, de uma nota de contra capa. A edição de 1975 foi encontrada na PUC-PR, a de 1941, na PUC-RS e a sexta, na Biblioteca Pública do Paraná. Rastreamos também pela Internet a presença das edições de 1941 e outras sem data, todas

da editora Inquérito, nas Universidades Federais do Rio Grande do Sul e de Minas e, ainda, na Unicamp.

A edição de *O drama de Jean Barois* de 1964 feita pela editora Delta do Rio é especial. Ela sai na coleção dos “Prêmios Nobel”, patrocinada pela Academia Sueca e pela Fundação Nobel. Assim é natural que se tenha uma pequena parte da “História da atribuição do prêmio Nobel a Roger Martin du Gard” feita pelo Conselheiro Cultural da Embaixada da Suécia em Paris, o Dr. Kyell Strömberg, o “Discurso de Recepção” pronunciado por Per Hallström, seguido de um estudo introdutório da “Vida e obra de Roger Martin du Gard” realizado por André Berne-Joffroy. A tradução desses artigos estrangeiros foi realizada por Emanuel Brasil. Temos, ainda, o artigo de Álvaro Lins, “*De Jean Barois aos Enfants Gâtés*”, cujo objetivo é “valorizar a edição brasileira” da obra, sendo revisto especialmente para a reimpressão de 1964.

A “Pequena História da Atribuição do Prêmio Nobel a Roger Martin du Gard” do Conselheiro Dr. Kyell Strömberg tem como aspectos principais o processo de seleção no qual se deu a escolha do nome do escritor. E foi uma vitória significativa porque havia muitos concorrentes de peso, entre os franceses estavam cotados Paul Valéry, Jean Giono, Georges Duhamel e Paul Claudel. O conselheiro observa que Martin du Gard saiu vencedor, quase sem luta, porque terminou sua obra mestra em 1936. Todavia, o escritor já era um sério candidato desde 1934 e a primeira parte de sua obra vinha sendo analisada com relatórios extremamente favoráveis. O primeiro relator Olle Holmberg, perguntou-se se a obra tinha qualidades para receber tal prêmio e não hesitou em responder que sim, as primeiras partes de *Os Thibault* estavam à altura de autores consagrados como Thomas Mann e que haviam recebido a condecoração. Quando *O verão de 1914* foi publicado, um segundo relator foi chamado a dar sua opinião e mostrou-se favorável por ver no escritor as qualidades de um psicólogo e um espírito filosófico. Todos os conselheiros mostraram-se felizes com a escolha e que pela primeira vez a “Academia Sueca recompensava, na pessoa de Martin du Gard, o realismo francês, cuja influência tinha sido e ainda era grande na literatura mundial” (p.10).

O Conselheiro Kyell Strömberg observa que quando a imprensa soube do novo laureado, correu até sua residência em Nice, mas sua porta continuou fechada, causando decepção

geral aos representantes da imprensa. Martin du Gard consentiu-se em falar somente quando chegou em Estocolmo para a recepção, mostrando-se uma pessoa amável e o mais sorridente dos homens mesmo com a imprensa. A escolha de Martin du Gard não surpreendeu o meio literário francês, mas chamou a atenção porque normalmente alguns candidatos procuravam colocar-se em evidência para tentarem obter os favores da Academia, e justamente aquele que não ambicionava nenhuma glória literária, esta chegou até ele.

No “Discurso de recepção”, o Conselheiro Per Hallström destaca o tipo de obra empreendida por Roger Martin du Gard, o romance-rio, pouco comum na época. Seu discurso fixa-se na análise dos fatos principais relativos às personagens de Antoine e Jacques em *O verão de 1914* e o fim trágico da obra.

O estudo de André Berne-Joffroy, “Vida e obra de Roger Martin du Gard”, apresenta como muitos outros, toda a trajetória literária do escritor desde a adolescência, quando os estudos do romancista viriam a influenciar sua vida posteriormente. Uma das observações interessantes de Berne-Joffroy é relativa à amizade que Martin du Gard tinha com o padre Marcel Hébert, afastado de suas funções por causa de seu livre pensamento, a quem o escritor dedica o romance *Jean Barois*. O crítico não se limita a isso, é claro. Seu estudo apresenta etapa por etapa a construção do pensamento de Martin du Gard através de suas obras. Além dessa análise, a edição de 1964 apresenta o texto de Álvaro Lins escrito em 1941 e revisto para essa edição.

Em 1971 e 1973 a Editora Ópera Mundi procede à publicação de *O drama Jean Barois*, incluindo todos os itens abordados acima, exceto o texto de Álvaro Lins.

A publicação de *O drama de Jean Barois*, feita pela Editora Abril Cultural (1985), saiu na coleção “Grandes Romancistas” numa edição de capa dura e, cuja foto do escritor, presente em todas as edições, é outra. Dela consta também uma apresentação do autor e de suas principais obras, sem a assinatura do responsável. Nesta apresentação, primeiro é dado ênfase ao fato de Martin du Gard ter recebido o Prêmio Nobel em 1937 e, em seguida, a sua filiação literária que o aproxima de Tolstói e dos naturalistas. Destacam-se também os traços gerais de sua obra. Além do aspecto biográfico, há também a apresentação das características de algumas de suas obras como *Devenir!* e com *O drama de Jean Barois* a

tentativa do escritor em renovar o gênero. Embora tenha sido bem recebida pelo público, *Jean Barois* causou reações na crítica. Para os editores é isso que o afastará de novas tentativas de renovação do romance como vinha fazendo James Joyce. Em relação a *Os Thibault* a referência à mudança que o escritor fez na obra, finalmente é mencionada numa apresentação de modo um pouco mais claro, ou seja, o estudo psicológico dá lugar ao estudo histórico dos acontecimentos imediatamente anteriores à Primeira Guerra Mundial. A apresentação termina por enumerar todas as suas obras e destacá-lo como um grande escritor contemporâneo.

Os romances *Velha França* e *Confidência Africana* também tiveram traduções no Brasil. O primeiro foi traduzido por Alexandre Cabral, pela editora Portugália, infelizmente não apresenta a data. O segundo, por Paulo Hecker Filho, em 1983, pela editora L&PM de Porto Alegre.

*Jean Barois* teve cinco edições brasileiras, sendo apenas duas delas realizadas por uma mesma editora, mas todas elas pertencem a coleções que evidenciam a qualidade seu autor. A primeira coleção é a “Nobel” da Editora Globo, e fora preparada para abrigar autores consagrados, isso confirma o prestígio do romancista. Nas três edições seguintes das editoras “Delta”, 1964, e “Ópera Mundi”, 1971 e 1973, o que determina a escolha é o fato de ser um escritor premiado, é a coleção “Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura”, mais uma vez oferecendo ao público o que há de melhor. A última edição que foi realizada pela editora Abril Cultural não modifica os padrões estabelecidos pelas anteriores, *Jean Barois* sai na coleção dos “Grandes romancistas”. Assim, a qualidade da obra é atestada pela coleção a que pertence e, nesse sentido, esse romance foi o grande premiado.

*Os Thibault*, cujo sucesso é inegável, fez parte de coleções como a “Nobel e a “Catavento” e a quarta edição, de 1986, não consta de nenhuma coleção, mas isso não é um fato negativo, ao contrário, significa que a obra sustenta-se sozinha na sua relação de atrair o público leitor. Nessa edição, aliás, os cinco volumes saem numa capa que chama a atenção. O título, em letras grandes, vem destacado em vermelho, seguido do nome do autor e da referência, “Prêmio Nobel de 1937”, e, ainda, em cada volume há duas letras do título, cujo tamanho ocupa mais da metade da capa com imagens de fundo que correspondem à passagens da obra. A quinta edição é mais luxuosa ainda. A caixa com cinco volumes é

ricamente decorada; em duas laterais, há uma foto de época relativa a cada volume. Numa outra parte da caixa há uma nota explicativa que destaca, entre outros fatos, a qualidade da obra, porque esta “é o orgulho para a Editora Globo de hoje e homenagem ao seu glorioso passado”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMORIM, Sônia Maria de. *Em busca de um tempo perdido* – Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930-1950). São Paulo: Edusp, Com Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade: UFRGS, 1999.

MARTIN DU GARD, Roger. *Os Thibault*. Trad. Casemiro Fernandes. Porto Alegre: Globo, 1943. (Coleção “Nobel”, Série Gigante) (2 vols.)

\_\_\_\_\_. *Os Thibault*. 2ªed. Trad. Casemiro Fernandes. Porto Alegre: Globo, 1946. (Coleção “Nobel”, Série Gigante) (3 vols.)

\_\_\_\_\_. *Um taciturno*. Trad. Casemiro Fernandes. Porto Alegre: Globo, 1945. (Coleção “Tucano”)

\_\_\_\_\_. *Os Thibault*. 2ªed.. Trad. Casemiro Fernandes. Porto Alegre: Globo, 1968. (coleção “Catavento”) (5 vols.)

\_\_\_\_\_. *Os Thibault*. 4. ed. Trad. Casemiro Fernandes. Porto Alegre: Globo, 1986. (Reedição dedicada a Paulo Brossard de Souza Pinto) (5 Vols.)

*Os Thibault*. 5ª ed. (revista) Trad. Casemiro Fernandes; apresentação: Moacir Japiassu; prefácio: Marcelo Coelho. São Paulo: Globo, 2001. (5 vols.)

\_\_\_\_\_. *O drama de Jean Barois*. Trad. Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Globo, 1949. (Coleção “Nobel”, vol. Gigante)

\_\_\_\_\_. *O drama de Jean Barois*. Trad. Vidal de Oliveira. Estudo introdutório de André Berne-Joffoy, Rio de Janeiro: Delta, 1964. (Coleção “Biblioteca do Prêmios Nobel de Literatura”, patrocinada pela Academia Sueca e pela Fundação Nobel)

\_\_\_\_\_. *O drama de Jean Barois*. Trad. Vidal de Oliveira. Estudo introdutório de André Berne-Joffoy, Rio de Janeiro: Ópera Mundi, 1971. (Coleção “Biblioteca dos Prêmios Nobel de Literatura”, patrocinada pela Academia Sueca e pela Fundação Nobel)

\_\_\_\_\_. *Velha França*. Trad. Alexandre Cabral. (s/l), Portugália, (s/d)

\_\_\_\_\_. *Confidência Africana*. Trad. Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 1983.